

O Atentado com Bomba ao Comboio de Tropas Londres–Villach de 1947: Militância Sionista, Retirada Britânica e um Ato de Guerra Esquecido

No verão de 1947, enquanto a Europa lutava para se reerguer das ruínas da Segunda Guerra Mundial, um ato de violência política pouco conhecido, mas significativo, atingiu o coração da infraestrutura militar britânica. Na noite de **13 de agosto**, um **comboio de tropas britânico transportando 175 pessoas** — incluindo mulheres — foi **sabotado nos Alpes austríacos**, evitando por pouco uma catástrofe quando um explosivo destruiu parte do comboio perto de **Mallnitz**, não longe do **túnel do Tauern**.

Este não era um comboio comum. Fazia parte de um **serviço de transporte militar dedicado** que levava tropas de ocupação britânicas de **Londres para Villach**, na Áustria, via Harwich, Hoek van Holland e a Alemanha do pós-guerra. A explosão foi calculada, direcionada a um trecho vulnerável da linha com o objetivo claro de causar vítimas em massa. O exército britânico e as autoridades austríacas suspeitaram imediatamente de **militantes sionistas**, possivelmente ligados ao **grupo Lehi (também conhecido como Bando Stern)** — uma organização paramilitar radical famosa por ataques aos interesses britânicos na Europa e no Médio Oriente numa campanha para forçar a retirada britânica da Palestina.

Embora o ataque não tenha causado vítimas fatais, foi **estratégico, carregado de simbolismo e profundamente perturbador**. Revelou até que ponto o conflito pela Palestina se infiltrava no palco europeu — nada menos que na Áustria ocupada pelos Aliados — e expôs a vulnerabilidade da Grã-Bretanha num momento em que o seu domínio imperial já se enfraquecia.

O Comboio Londres–Villach: A Rede Ferroviária Militar Britânica do Pós-Guerra

Logo após a Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha administrava vastas zonas de ocupação na **Alemanha e na Áustria**, como parte do esforço aliado para estabilizar a Europa Central. No **sul da Áustria**, as British Troops Austria (BTA) eram responsáveis por manter a ordem em **Caríntia**, uma região fronteiriça com a Jugoslávia e a Itália. Villach, um importante nó ferroviário, tornou-se o coração logístico da zona de ocupação britânica.

Para apoiar esta operação, o **War Office** organizou um serviço dedicado de **comboios de tropas** que ligava o Reino Unido à Áustria. Embora frequentemente negligenciada nas his-

tórias do declínio do Império Britânico, esta rota era uma artéria essencial na presença militar europeia da Grã-Bretanha.

O Percurso

A viagem combinava segmentos marítimos e ferroviários, cuidadosamente coordenados para eficiência e segurança:

- **Londres a Harwich:** Os soldados embarcavam na **estação de Liverpool Street**, dirigindo-se a leste para **Parkeston Quay**.
- **Harwich a Hoek van Holland:** A bordo de ferry de tropas como o *Empire Parkestone*, a travessia noturna levava-os aos Países Baixos de manhã.
- **Ferrovias continental para a Áustria:** De **Hoek van Holland**, as tropas viajavam pela **zona britânica da Alemanha** — via Colônia, Munique e Salzburgo — antes de entrar na Áustria.
- **Chegada a Villach:** De **Klagenfurt** ou **Salzburgo**, os comboios continuavam para sul através dos Alpes até **Villach Hbf**, um ponto de distribuição chave para guarnições e campos próximos como o **campo de trânsito El Alamein**.

Todo o percurso cobria cerca de **1.000 milhas** e durava **2–3 dias**. Em 1947, estes comboios circulavam **diariamente**, transportando milhares de soldados durante os períodos de pico de rotação e desmobilização.

Segurança e Valor Estratégico

Devido à sua função militar, a rota estava sob controlo britânico, frequentemente guardada e considerada segura. No entanto, a sua enorme extensão, incluindo trechos alpinos remotos, apresentava vulnerabilidades — especialmente na **Áustria**, onde deslocados (DP), agitação política e redes de mercado negro criavam uma mistura volátil. Relatórios de inteligência sinalizavam **refugiados sionistas na Áustria**, particularmente perto de **Bad Gastein**, como fonte de resistência organizada contra as políticas britânicas — especialmente no que diz respeito à imigração judaica para a Palestina.

13 de agosto de 1947: Sabotagem nos Alpes

Por volta das **22:30** da noite de **13 de agosto**, o comboio de tropas passou por um trecho estreito e montanhoso de linha **a três milhas a sul de Mallnitz**, perto do **túnel do Tauern**, quando foi atingido por uma bomba enterrada sob o leito da via.

O Ataque

Foram colocados dois explosivos:

- A **primeira bomba explodiu debaixo do vagão de bagagem**, danificando-o gravemente e descarrilando várias carruagens atrás.
- A **segunda bomba não explodiu**, possivelmente devido a um detonador defeituoso. Se tivesse explodido, o comboio poderia ter caído por um declive íngreme, causando vítimas em massa.

Milagrosamente, **não houve mortes**. O vagão de bagagem foi destruído, vários compartimentos sofreram danos estruturais, mas o comboio permaneceu em grande parte de pé, parando pouco antes de uma encosta. A **paragem rápida e a topografia alpina acidentada** salvaram ironicamente o comboio de um descarrilamento total.

Uma **explosão secundária** ocorreu horas depois em frente ao **quartel-general da 138ª Brigada de Infantaria Britânica** em **Velden**, perto de Villach. Embora esta bomba tenha causado danos estruturais mínimos e sem feridos, o seu timing sugeria um ataque coordenado.

A Investigação

As investigações iniciais foram inconclusivas. Um suspeito — **um homem não identificado baleado e ferido pela polícia austríaca** — foi capturado perto do local da explosão. Tinha deixado recentemente **Bad Gastein**, uma cidade conhecida por abrigar **deslocados judeus**, alguns dos quais expressaram hostilidade aos controlos de imigração britânicos na Palestina.

As autoridades suspeitaram de uma **pequena equipa de 3-5 operativos**, possivelmente ligada a grupos militantes sionistas como **Lehi**. Nenhum grupo reivindicou responsabilidade e nenhuma acusação foi apresentada. No entanto, relatos contemporâneos no *The New York Times* e *The Sydney Morning Herald* notaram a proximidade com DP pró-sionistas e o simbolismo político do ataque. Tanto os oficiais britânicos como os austríacos inclinavam-se para **extremismo sionista** como motivo provável.

Atribuição e Legado do Atentado com Bomba ao Comboio de Tropas Britânico de 1947

Embora os relatos contemporâneos do **atentado de 13 de agosto de 1947** — como relatórios no *The New York Times*, *The Sydney Morning Herald* e comunicados do exército britânico — descrevessem os autores apenas como **“terroristas” não identificados**, estudos posteriores atribuíram o ataque com maior certeza a **Lehi**, também conhecido como **Bando Stern**. Esta organização paramilitar sionista radical já era famosa pela sua **campanha de sabotagem transnacional** contra a infraestrutura política e militar britânica nos últimos anos do Mandato Palestiniano.

O método, o timing e o valor estratégico do atentado perto de **Mallnitz** alinham-se estreitamente com as atividades de Lehi na Europa e no Médio Oriente entre **1946-1948**. Embora não tão publicamente reconhecido como as operações de alto perfil de Lehi — como o **atentado ao hotel King David (1946)** ou os **ataques ao comboio Cairo-Haifa** —, o incidente de Mallnitz encaixa-se perfeitamente no padrão do grupo: **pressão militante projetada para acelerar a retirada britânica da Palestina** e forçar concessões na política de imigração judaica.

O Papel de Lehi e a Sua Filosofia Operacional

Fundado por **Avraham Stern** e mais tarde liderado por figuras como **Yitzhak Shamir** (futuro primeiro-ministro de Israel), **Lehi** seguiu uma estratégia anti-britânica sem compromissos. O grupo via os britânicos como ocupantes coloniais e enquadrava as suas campanhas de sabotagem — incluindo ataques a comboios, esquadras policiais e locais diplomáticos — como atos de **resistência anti-imperial**.

Ao contrário da mais moderada **Haganah**, ou mesmo da nacionalista **Irgun**, Lehi acreditava em **atacar interesses britânicos onde quer que estivessem** — não apenas na Palestina. As suas células clandestinas operavam em **Itália, França, Alemanha e Reino Unido**, colaborando frequentemente com elementos simpatizantes nas **comunidades de refugiados judeus**, muitos dos quais estavam amargurados pela aplicação britânica do **Livro Branco de 1939**, que limitava drasticamente a imigração judaica para a Palestina, mesmo após o Holocausto.

Apesar do seu zelo ideológico, Lehi era também **pragmático**. Nem sempre reivindicava responsabilidade por ataques em solo estrangeiro — especialmente quando isso poderia comprometer **redes de deslocados, contrabando de armas** ou **objetivos diplomáticos**. Isto pode explicar a **ausência de reivindicação oficial** pelo ataque de Mallnitz, apesar do seu evidente alinhamento com os objetivos e métodos de Lehi.

O **arquivo oficial pós-guerra de Lehi** — a *Associação do Património dos Combatentes pela Liberdade de Israel* — não lista especificamente o atentado de 13 de agosto. No entanto, celebra a “campanha internacional” do grupo e inclui referências a operações de sabotagem na **Áustria, Itália e Alemanha**, onde “o imperialismo britânico sentiu o alcance da clandestinidade judaica”. Várias **fontes secundárias** citam o atentado de Mallnitz como uma operação provável, se não definitivamente confirmada, de Lehi — descrevendo-o como um **“exemplo tocante” de militância sionista que se estendia muito além das fronteiras da Palestina**.

Ausência de Prisões ou Condenações

Apesar de uma investigação intensiva, **ninguém foi condenado** em conexão com o atentado ao comboio de tropas. Nos dias seguintes ao ataque, **a polícia austríaca disparou e capturou um homem perto do local**, aparentemente um **refugiado judeu polaco** que tinha deixado recentemente **Bad Gastein**, um conhecido centro de agitação pró-sionista. Foi, no entanto, **libertado sem acusação**, e **nenhum outro suspeito foi detido**. Oficiais britânicos e austríacos realizaram uma breve rusga nos **campos de deslocados** em Caríntia, interrogando indivíduos com ligações sionistas — mas estes esforços não produziram informações acionáveis.

Esta **elusividade era típica** das operações europeias de Lehi. O grupo empregava frequentemente **sabotadores treinados a partir de Itália, simpatizantes locais nos campos de refugiados**, e utilizava **identidades falsas e redes de alojamento temporárias** para evitar deteção. Dossiers de inteligência britânicos e documentos do War Office (ex. **WO 32/15258**) notam um padrão de “atos de sabotagem sofisticados” em zonas ocupadas, frequentemente “atribuídos a radicais sionistas, mas impossíveis de confirmar nas condições de campo atuais”.

Enquanto as **operações domésticas de Lehi na Palestina** levavam a prisões e execuções mais visíveis — como a **captura e suicídio de Moshe Barazani em 1947**, ou a execução de membros apanhados em emboscadas policiais —, as suas **células de sabotagem europeias** provaram ser muito mais difíceis de infiltrar ou perturbar.

Incidentes relacionados notáveis incluem:

- **Maio de 1947 (Paris):** Cinco membros de Lehi foram presos com explosivos semelhantes aos usados no **atentado falhado ao Colonial Office em Londres**. Sem ligações austríacas.
- **Setembro de 1947 (Bélgica):** Dois operativos, **Gilberte “Elizabeth” Knouth** e **Jacob Levstein**, foram condenados por contrabando de explosivos destinados a alvos diplomáticos britânicos. Levstein tinha ligações anteriores à violência na Palestina, mas não estava ligado a Mallnitz.
- **1946–1947 (Itália):** Células conjuntas **Lehi-Irgun** realizaram ataques a embaixadas britânicas e depósitos de armas, frequentemente movendo-se entre **Roma, Trieste e Salzburgo**, com documentos falsos e canais de refugiados.

Em cada caso, a **pegada operacional** correspondia ao **perfil de Mallnitz**: pequenas equipas, alvos estratégicos, nenhuma reivindicação de responsabilidade, nenhuma prisão duradoura.

Legado: Sucesso Tático, Nota de Rodapé Histórica

Na mente da liderança de Lehi, o **atentado de Mallnitz** — mesmo sem vítimas em massa — provavelmente representou um **sucesso tático: chocou as forças britânicas**, interrompeu uma linha chave de tropas e **simbolizou o alcance** da resistência sionista. A sua **ausência nos registos oficiais de Lehi** pode ter sido intencional: um método para **proteger a logística transnacional** e evitar comprometer operações europeias mais amplas.

Da perspetiva britânica, o ataque foi **embaraçoso e alarmante**. Ilustrou os **limites do controlo aliado** na Áustria e destacou a **propagação de conflitos coloniais para a Europa**, onde populações deslocadas, queixas não resolvidas e fronteiras abertas criavam terreno fértil para atividade insurgente. No entanto, sem autores confirmados, o incidente acabou por **desvanecer-se da memória pública**, eclipsado pela fundação de Israel em 1948 e pelos upheavals geopolíticos do início da Guerra Fria.

Ainda assim, o atentado de 1947 ao comboio Londres–Villach permanece um **raro exemplo de violência anticolonial transcontinental**, ligando a **crise de refugiados**, o **sionismo militante** e a **retirada imperial** num momento quase esquecido de clareza explosiva.

Terrorismo Segundo Padrões Modernos

O objetivo, segundo analistas militares britânicos, era:

- Infligir **vítimas em massa**.
- **Terrorizar** as forças britânicas.

- **Presssionar o governo** para relaxar as restrições à imigração para a Palestina.

O ataque fazia parte de um padrão mais amplo: nesse ano, militantes sionistas bombardearam um **clube social em Londres**, colocaram um dispositivo defeituoso no **Colonial Office**, e bombardearam comboios na Palestina. A mensagem era inequívoca: **os alvos britânicos já não estavam seguros, nem mesmo na Europa**.

Embora enquadrado pelos seus autores como um ato de resistência contra a ocupação colonial, o **atentado de 1947 ao comboio de tropas britânico perto de Mallnitz** seria, segundo padrões jurídicos e morais atuais, classificado como um ato de **terrorismo internacional**.

Definições Contemporâneas

De acordo com quadros jurídicos amplamente aceites — como os utilizados pelas **Nações Unidas**, pela **União Europeia** e pela **lei federal dos EUA** —, o terrorismo é definido como:

“O uso ou ameaça ilícita de violência contra pessoas ou propriedade para intimidar ou coagir um governo ou população civil para fins políticos ou ideológicos.”

Esta definição captura **elementos chave** presentes no ataque de Mallnitz:

- **Direcionamento ao pessoal estatal** (soldados britânicos em serviço oficial).
- **Intenção de causar vítimas em massa** através de bombardeamento indiscriminado.
- **Objetivo político**: pressão sobre a Grã-Bretanha para abandonar o controlo sobre a Palestina e revogar restrições à imigração para judeus europeus.
- **Execução transnacional**: um ataque realizado na Áustria por atores afiliados a um movimento político baseado na Palestina, afetando a política externa de um terceiro país (o Reino Unido).

Se uma operação semelhante ocorresse hoje — um **grupo não estatal colocando explosivos num comboio de tropas da NATO na Europa** — provavelmente desencadearia **designações antiterrorismo, mandados de captura internacionais** e potencialmente **sanções ou resposta militar** contra a organização patrocinadora.

Lehi e a Evolução do Rótulo “Terrorista”

É importante notar que **Lehi foi oficialmente designado como grupo terrorista pelo governo britânico nos anos 1940**, ao lado de **Irgun** e **Haganah (em certas operações)**. Oficiais britânicos rotularam a sua campanha como **“insurreição terrorista”**, especialmente após incidentes de alto perfil como:

- O **atentado ao hotel King David (1946)**.
- O **assassinato de Lord Moyne (1944)**.
- A **enforcamento de sargentos britânicos na Palestina (1947)**.

Referências

1. "Bomb Derails British Troop Train in Austria; No Casualties." *The New York Times*, 14 de agosto de 1947.
2. "British Train Blown Up in Austria." *The Sydney Morning Herald*, 15 de agosto de 1947.
3. United Kingdom War Office. *British Troops Austria (BTA) Quarterly Historical Report, Q3 1947*. WO 305/73. The National Archives, Kew, UK.
4. Austrian Ministry of the Interior. *Internal Security Report to Allied Commission for Austria*, agosto de 1947. Citado em fontes secundárias.
5. Bell, J. Bowyer. *Terror Out of Zion: The Fight for Israeli Independence*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1977.
6. Heller, Joseph. *The Stern Gang: Ideology, Politics and Terror, 1940–1949*. Londres: Frank Cass, 1995.
7. Zertal, Idith. *From Catastrophe to Power: Holocaust Survivors and the Emergence of Israel*. Berkeley: University of California Press, 1998.
8. Freedom Fighters of Israel (Lehi) Heritage Association. *Internal Bulletins and Archival Materials, 1946–1948*. Tel Aviv, Israel.
9. "Two Jews Jailed in Belgium for Smuggling Explosives." *The Palestine Post*, 12 de setembro de 1947.
10. Lehi Underground Radio Broadcast. "Lehi Claims Responsibility for Cairo-Haifa Train Bombing." 28 de fevereiro de 1948.
11. Röhl, Wolfgang. *Britische Militärzüge in Österreich 1945–1955*. Viena: Österreichischer Miliz Verlag, 2005.
12. British Army of the Rhine. *Rail Transport Records, 1946–1950*. Ref: BAOR/LOG/47. Imperial War Museum, Londres.